

ATIVIDADES OPERACIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OPERATIONAL ACTIVITIES IN CHILD EDUCATION

Andréa Vicuña Ferreira da Silva Mesquita¹

Joanise Domingas Flanofa²

Kilrian Genes Konnse Silva Sena³

Luciene Gercy Rodrigues Sousa⁴

Lucelia Félix de Miranda⁵

Rosangela Maria Ferreira de Sousa⁶

RESUMO: O presente artigo baseia-se em responder às seguintes questões: Qual a importância das atividades operacionais na educação infantil? Desenvolvido a partir da experiência da prática pedagógica em educação infantil, buscamos enfatizar a integração teoria e prática. Com base na perspectiva histórico-cultural, concentramos em explicar o desenvolvimento infantil a partir do ponto de vista de Vygotsky, destacando pontos-chave do desenvolvimento, além de mostrar o papel do professor nessa corrente teórica.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Atividades Operacionais. Educação Infantil.

ABSTRACT: This article is based on answering the following questions: What is the importance of operational activities in early childhood education? Developed from the experience of pedagogical practice in early childhood education, we seek to emphasize the integration of theory and practice. Based on the historical-cultural perspective, we focus on explaining child development from Vygotsky's point of view, highlighting key developmental points, in addition to showing the teacher's role in this theoretical current.

Keywords: Child Development. Operational Activities, Early Childhood Education.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade INTERVALE. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Afirmativo.

² Graduada em Pedagogia pelo Instituto de Educação e Tecnologia – INET. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Cuiabá – UNIC. Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pelas Faculdades Integradas de Cuiabá - FIC.

³ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Mato-grossenses de Ciências Sociais e Humanas. Especialista em Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais – IESMIG.

⁴ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Associação Varzeagrandense de Ensino e Cultura – AVEC.

⁵ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG. Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pela Associação Varzeagrandense de Ensino e Cultura – AVEC.

⁶ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Mato-Grossense de Ciências Sociais e Humanas. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade de Cuiabá.

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil, como etapa inicial da educação básica, é de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades das crianças para compreender e interiorizar o mundo humano e, nesse sentido, a realização de atividades empresariais é essencial, pois advém da interação com as pessoas. O ambiente é determinado pelas ações intencionais e diretas do professor em que a criança aprende (VYGOTSKY, 1998). Este artigo visa ressaltar essa importância, com um estudo mostrando como essas atividades transferem conhecimento para as crianças. Este trabalho tem como objetivo responder às seguintes questões: Qual a importância das atividades operacionais na educação infantil? Ressaltamos que contamos com educadores eminentes para apoiar nossa pesquisa, pois entendemos que essas atividades são fundamentais para o desenvolvimento da primeira infância e são sustentadas por uma perspectiva de desenvolvimento histórico-cultural.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O desenvolvimento infantil

O desenvolvimento infantil está pautado na interação com o meio, segundo Vygotsky a criança aprende e depois se desenvolve, deste modo, o desenvolvimento de um ser humano se dá pela aquisição/aprendizagem de tudo aquilo que o ser humano construiu socialmente ao longo da história. Ao se tratar de escola, estamos em um âmbito mais aprofundado, pois para além de transmitir o conhecimento acumulado, este processo deve se dar de forma organizada de modo que, todas as ações realizadas pela escola e seus profissionais devem ser pensadas, refletidas, discutidas e planejadas, com intencionalidade e finalidade.

Na Educação Infantil este processo não pode ser diferente, pois o período dos 0 ao 5 anos que fará mais diferença no futuro, sendo a base para o desenvolvimento posterior. Deste modo, destacamos a importância da escola como local para além dos cuidados na Educação Infantil, porque é nele que a criança deve se envolver, interagir e

agir com o meio, com o outro e com si mesma para apreender o mundo que a cerca e ir além apreendendo para além da imagem, mas também os significados por trás delas.

Advogamos o princípio segundo o qual a escola, independentemente da faixa estaria que atenda, cumpra a função de transmitir conhecimentos, isto é, de ensinar como locus privilegiado de socialização para além das esferas cotidianas e dos limites inerentes à cultura do senso comum (MARTINS, 2009, p. 94).

A escola de Educação Infantil não pode se isentar do ato intencional de educar, pensando apenas pelo cuidar, devendo assim haver um equilíbrio entre o cuidar e o educar para que as crianças possam aprender e desenvolver todas as suas possibilidades e habilidades da forma mais integral possível.

De acordo com Abrantes (2012) a teoria histórico-cultural pode ser dividida em épocas: Primeira Infância (0 a 03 anos), Infância (3 a 10 anos) e Adolescência (10 a 17 anos) e períodos, Primeiro Ano (0 a 01 ano), Primeira Infância (1 a 03 anos), Idade Pré-Escolar (3 a 06 anos), Idade Escolar (6 a 10 anos), Adolescência Inicial (10 a 14 anos) e Adolescência (14 a 17 anos).

A transição entre os períodos se dá por meio de crises e a atividade dominante em cada período é respectivamente: Comunicação Emocional Direta, Atividade Objetal Manipulatória, Jogo de Papéis, Atividade de Estudo, Comunicação Íntima Pessoal e Atividade Profissional Estudo. Como já dito neste trabalho trataremos das crianças de um a três anos de vida, ou seja, a Primeira Infância e/ou Atividade Objetal Manipulatória.

Assim, o período o qual nos dedicaremos será o da Primeira infância e/ou Atividade Objetal Manipulatória entendido como essencial para a criança. É neste momento que a criança desenvolverá características, habilidades e aptidões. Essas transformações quantitativas e qualitativas são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da criança persistindo ao longo de toda sua vida adulta. Este período se constitui como:

[...] a base para as aprendizagens humanas está na primeira infância. Entre o primeiro e o terceiro ano de idade a qualidade de vida de uma criança tem muita influência em seu desenvolvimento futuro e ainda pode ser determinante em relação às contribuições que, quando adulta, oferecerá à sociedade. Caso esta fase ainda inclua suporte para os demais

desenvolvimentos, como habilidades motoras, adaptativas, crescimento cognitivo, aspectos sócio-emocionais e desenvolvimento da linguagem, as relações sociais e a vida escolar da criança serão bem sucedidas e fortalecidas (PICCININ, 2012, p. 38).

2.2. Psicologia do Desenvolvimento

A aquisição do controle dos movimentos no que diz respeito ao andar sozinho a criança começa, então, a aperfeiçoar o grau de dificuldade desses caminhares, seja pisando em algum objeto, seja andando para trás ou mesmo um degrau, sente como a um desafio a alcançar diante desses estímulos difíceis.

A capacidade de caminhar independente da ajuda de um adulto proporciona à criança um novo panorama do mundo exterior, ampliando a compreensão dos objetos a sua volta, bem como sua manipulação, uma vez que estes eram “limitados” pelos pais. A criança se dá conta de que há a existência de obstáculos em seu trajeto e que precisa captar maneiras de evitá-los. O caminhar dá autonomia à criança.

A criança no início da primeira infância é dependente da mãe, as proibições e limites impostos pela mesma geram na criança uma reação de oposição, pois esta não entende e não aceita, gerando uma dualidade de amor e ódio.

Porém, quando há uma aprovação por parte do adulto em relação ao que a criança faz, ela se sente satisfeita e motivada a fazer as coisas novas. Santos (1999) argumenta que embora a criança não entenda as atitudes, deve passar por situações de satisfação e sofrimento, para que descubra que tipo de ações pode satisfazer a ela e ao adulto.

Santos (1999) ainda aposta que a criança deve desenvolver o autoconceito, pois já se vê separada das pessoas e, já entende que o adulto “vai e vota”, que os objetos vão continuar no mesmo lugar, ainda que ela não os veja, é necessário ver a si mesmo como algo contínuo no tempo e espaço.

A partir dos dois anos a criança torna-se mais independente e autoconfiante, porém é egocêntrica, cabe nesse momento o adulto ensinar a criança a “perceber” a outra, por exemplo, em atividades cooperativas.

A visão, o tato e a audição são os meios pelos quais a criança descobre o mundo, sendo que nesta fase ela não tem medo de ver, ouvir e sentir. Esses sentidos possibilitam a criança a perceber as coisas (tamanho, forma e cor) que fazem parte do meio, o tato permite que a criança sinta diferentes texturas, agradáveis ou não. A criança nesta fase escuta tudo e se dispersa facilmente, quanto a sons em alto volume, a criança pode se assustar.

Aos dois anos de idade a criança possui os músculos do corpo e o controle motor mais aprimorado, tendo mais facilidade para modelar massinha e rabiscar com giz. Estas situações são de demasiada importância para o desenvolvimento visual e tátil.

Em suma, desenvolvimento se produz por meio de aprendizagens e esse é o pressuposto vigotskiano, segundo o qual o bom ensino, presente em processos interpessoais, deve se antecipar ao desenvolvimento para poder conduzi-lo. Portanto não há que se esperar desenvolvimento para que se ensine; há que se ensinar para que haja desenvolvimento (MARTINS, 2009, p. 100).

Contudo, faz-se necessário compreender como se dá o desenvolvimento infantil no período da Primeira Infância compreendido do 01 ano aos 03 anos de vida da criança, no qual se desenvolve a Atividade Objetiva Manipulatória.

2.3. Atividade Objetiva Manipulatória

No primeiro ano de vida, a criança realiza manipulações dos objetos de maneira externa a eles, com a primeira infância, ela passa a ressignificar a utilização desses objetos, deixando de serem simples “coisas” a detentores de uma função específica, segundo a própria função social deste objeto.

É na primeira infância que se constrói a passagem para a atividade objetiva, atividade principal do período, na qual o adulto assume o papel de colaborar nesse processo, pois a exemplo de uma colher, ela poderá batê-la, jogá-la ao chão e, mesmo assim, não descobrir sua função, a menos que o adulto intervenha e lhe demonstre sua finalidade.

A criança assimila o significado permanente do objeto. Mukhina (1995) diz que o destino que a sociedade conferiu ao objeto e não varia por necessidade de momento.

Porém, isso não garante que a criança deixará de dar outras funções a este objeto se não o que lhe é fixado pelo social, mas a importância está na questão de ela saber e conhecer a verdadeira função deste objeto, independentemente de seu uso “indevido”.

A relação entre ação e objeto apresenta três fases de desenvolvimento: na primeira fase a criança realiza qualquer função que ela domina com o objeto; na segunda fase, a criança manuseia o objeto a partir da real função a que se atribui ao objeto e, na terceira fase, tem reminiscência na primeira fase, porém a criança dominando a real função do objeto, o utiliza para “outros fins”, fora o “original”.

O que ocorre de importante nesse âmbito é a assimilação da atividade objetiva realizada pela criança de modo a condizer às regras de comportamento social, o que faz mudar a conduta da criança quando realiza uma atividade de manipulação objetiva.

É importante para o desenvolvimento psíquico da criança que o uso dos objetos ocorra de modo a manter o mesmo sentido em empregos diferentes, ou seja, unívoco, uma vez que nem todas as ações que a criança assimila têm o mesmo valor no seu progresso psíquico, as ações contêm particularidades, a exemplo dos brinquedos, roupas, móveis e louças. Existem de fato diferentes formas de utilizar os objetos, as formas que mais exigem exercitação da psique são as que mais contribuem para que o psiquismo se desenvolva.

As ações mais importantes que a criança assimila na primeira infância são as correlativas e as instrumentais. Sendo as ações correlativas aquelas nas quais se estabelece uma relação comum entre determinados objetos, fazendo-as recíprocas especialmente falando, o que faz a criança levar em consideração as propriedades dos objetos, conferindo-lhe respeito a estas propriedades, dando sentido à atividade desenvolvida através do objeto. Estas ações são presentes na primeira infância, o que não ocorre com a devida “consciência” no primeiro ano de vida, antes de completar um ano. Tais ações são reguladas pelo resultado obtido, que só é alcançado pela contribuição e intervenção do adulto que aponta os erros, norteia como agir, a fim de corrigir com a finalidade do resultado correto.

As ações instrumentais são aquelas nas quais se utilizam instrumentos e /ou ferramentas para agir sobre outro objeto. Ainda enfatizando a colaboração do adulto na apropriação destes objetos, a idéia é de que o adulto oferece meio – instrumentos – que colaborem para que a criança se aproprie e assimile o uso do objeto, como por exemplo, a colher, nela está presente o traço que a caracteriza como ferramenta, torna-se um instrumento para que ocorra a alimentação da criança e, que se faz, portanto, uma “intermediadora” entre a mão da criança e o alimento. Deste modo, ocorre a sujeição, a reconversão dos movimentos da mão da criança à forma do instrumento.

A assimilação das ações instrumentais não ocorre imediatamente, há etapas, sendo que a primeira, tendo o instrumento como continuação da própria mão, suas ações, portanto são manuais ainda; a segunda etapa a criança se prende para a relação instrumento e objeto sob o qual incide a ação, quanto ao êxito, só será alcançado eventualmente; a terceira fase é obtida quando a mão se adapta às propriedades do instrumento, originando as ações instrumentais de fato. Estas que são dominadas na primeira infância, estão em contínuo desenvolvimento no decorrer do tempo, não é acabado. Sua importância está na assimilação do uso dos instrumentos de maneira correta, exata. Os quais se configuram como princípios básicos da atividade humana, permitindo à criança passar pela autonomia do uso dos objetos.

2.4. Aparecimento de Novos Tipos de Atividades

Ao findar a primeira infância surgem novas formas de atividade, são o jogo e as formas produtivas de ação. No jogo é importante ressaltar que não há relação com o jogo dos filhotes de animais, que são instintivos, ao contrário, as crianças reproduzem o conteúdo de seus jogos a partir da sua percepção do contato com o adulto.

Primitivamente não havia separação entre jogo e trabalho, a criança assimila na prática a forma de obter sustento. Como necessidade social ao passar do tempo, as formas de produção e instrumentos de trabalho deixaram de estar ao alcance da criança, passando a ser construídas para a mesma ferramenta reduzida, tendo como característica uma sociedade preocupada com uma infância preparada para inserir-se no

trabalho. Destaque, então, para o surgimento dos jogos-exercícios, sob a direção do adulto, logo surge o brinquedo figurativo, momento em que há a separação da criança com as relações sociais, que por sua vez surge o jogo dramático, no qual a criança passa a reproduzir traços da sociedade adulta e suas relações sociais, formando comunidades infantis de representação lúdica, por meio do jogo dramático a criança satisfaz a necessidade de estar inserida no “mundo adulto”, que ocorre por meio dos brinquedos.

Os jogos iniciais a princípio representam atitudes das crianças sob suas visões do adulto de maneira que elas não reproduzem suas vivências reais, mas sim, imitando o adulto, tal como eles fazem com uma criança, somente mais tarde ocorrerá pela primeira vez jogos com recriações do real. E assim, sucessivamente a criança vai progredindo na assimilação das ações praticadas, utilizando-se de vários tipos de objetos substituindo outros que não possui, ainda não dando nome lúdico, após isto, nomeia os objetos de acordo com o papel que desempenha no jogo, compreende a significância do objeto dentro do jogo e gradativamente vai se criando as premissas para o jogo com papeis.

Este desenvolvimento é prerrogativa para a atividade representativa, por meio do desenho, sendo a representação de determinado objeto. Caracterizada desde a garatuja com marcas, traços desordenados, linhas retas, curvas sem representação alguma que adentram na prévia representação para a imagem, dividida em duas fases: na qual a criança reconhece o objeto numa combinação casual de traços e a outra intencionalmente a criança reconhece o que desenhou. A atividade representativa só aparecerá quando a criança verbaliza o que deseja desenhar. É de demasiada importância, a saber, que a criança aprende a desenhar, não apenas aperfeiçoando-se, praticando, mas também e valiosamente, pela influência do adulto que lhe propiciará subsídios para que se formem imagens gráficas nas linhas que ela traça.

2.5 Desenvolvimento da Percepção e das Noções Sobre as Propriedades dos Objetos

A criança adquire ações visuais por meio da manipulação dos objetos estabelecendo assim, propriedades dos objetos. Para que a criança perceba os objetos de forma mais completa deverão ser oferecidas novas ações de percepção, que surgem ao

assimilar a atividade objetual, contudo com as ações correlativas e instrumentais. Existem as ações orientadoras externas que permitem a criança alcançar um resultado prático por meio do contato, da tentativa diante de uma situação, tais ações conduzem-nas ao conhecimento das propriedades do objeto. Comparando-se as propriedades dos objetos é possível que a criança passe à correlação visual das propriedades dos objetos, convertendo-a em modelo para determinar as propriedades de outros objetos, formando um novo tipo de concepção.

2.6. O papel do educador diante da aprendizagem

A atuação do professor faz-se importante nesse contexto pela determinação no processo de aprendizado, sendo o professor que estimula novos ciclos de aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento. No tocante ao brincar, como processo, oferece à criança a satisfação de suas necessidades básicas de aprendizagem que oportuniza a comunicação, a extensão das relações sociais para com outras pessoas, adquire competências novas, habilidades, facilita a atividade dentro de um ambiente, dentre outras oportunidades advindas do brincar.

O bebê não nasce com estratégias e conhecimentos prontos para perceber as complexidades dos estímulos ambientais. Esta habilidade se desenvolve por meio das experiências vivenciadas por elas na relação com o outro, com o meio e com si mesma. Assim, é de extrema importância, possibilitar a criança experiências concretas tendo por base o desenvolvimento das habilidades sensoriais, de modo que esta aprendizagem é a base para o desenvolvimento de novas funções.

Os conteúdos de formação operacional interferem diretamente na constituição de novas habilidades na criança, mobilizando as funções inatas, os processos psicológicos elementares, tendo em vista a complexificação de sua estrutura e modos de funcionamento, a serem expressos sob a forma de funções culturais, de processos psicológicos superiores. Ao atuarem nesta direção, instrumentalizam a criança para dominar e conhecer os objetos e fenômenos do mundo à sua volta, isto é, exercer uma influência indireta na construção de conceitos (MARTINS, 2009, p. 96).

Diante disso, faz-se necessário pensar nesta temática no trabalho com crianças entre 01 e 03 anos, uma vez que a criança pequena precisa além de cuidados, ser

estimulada constantemente em favor de seu processamento sensorial, possibilitando a criança aprender a usar seus órgãos sensoriais e a atribuir significado às sensações. O professor deve ainda garantir o contato da criança com objetos que favoreçam a inserção dela no convívio social, por meio das várias linguagens. Portanto, o professor deve realizar seu trabalho de maneira a oferecer a criança, crescimento, reflexão, tomada de decisão enquanto cidadãos capazes de “administrar” sua vida, indo além da simples mediação dos conteúdos.

2.7. Importância da Música na Primeira Infância

Na Primeira Infância a criança deve explorar todos os seus sentidos e, cabe ao adulto que estimule todos eles, o adulto deve apresentar a criança todas as formas de sentir o mundo. A música é uma forma de a criança desenvolver ritmo, harmonia, memória, fala, entre várias outras habilidades.

Considerada em todos os seus processos ativos (a audição, o canto, a dança, a percussão corporal e instrumental, a criação melódica) a música globaliza naturalmente os diversos aspectos a serem ativados no desenvolvimento da criança: cognitivo/lingüístico, psicomotor, afetivo/social (FERREIRA, 2002, p. 13).

Assim, a música se constitui como algo fundamental a ser trabalhado com a criança, para que esta descubra o mundo por meio de todos seus sentidos, além de ser um instrumento que auxilia na aprendizagem e no desenvolvimento.

2.8. Importância da Leitura e do brinquedo na Primeira Infância

A leitura, os livros, os desenhos, os escritos, são outra forma de apresentar o mundo à criança, por meio deste ela conhece uma das formas mais importantes de comunicação dos adultos, a língua escrita. É por meio do estímulo a leitura de imagens e desenhos que futuramente as crianças terão curiosidade e interesse em aprender o que foi construído ao longo da história da humanidade.

O brincar é o modo que a criança tem de conhecer o mundo que a cerca. É por meio da brincadeira que a criança descobre, aprende e se desenvolve, tanto na escola quanto em casa, na rua, no jardim e, assim por diante.

Vygotsky (1998) compreende o brincar como uma atividade social da criança, cuja natureza e origem específica seriam elementos fundamentais para o desenvolvimento cultural, ou seja, o brincar como compreensão da realidade.

Para o autor o brinquedo é o principal meio de desenvolvimento cultural da criança. O brincar atua nas zonas de desenvolvimento proximal e real da criança. É no brincar que a criança se comporta, além do seu comportamento habitual, diário, vivenciando desafios e situações novas.

Para Elkonin (1998), o brincar é uma atividade social, humano que supõe contextos sociais e culturais. O jogo/brinquedo reconstrói as relações sociais, como também atua no jogo com objetos da vida real.

Brincar estimula, motiva e deve ser sempre orientado por um adulto. Na escola, o professor, que além de mediar a brincadeira, deve brincar junto. Brincar propicia a aprendizagem por ser estimulador e motivador, ele faz com que a criança tenha um motivo para realizar determinada ação e para as crianças pequenas a aprendizagem acontece no concreto, ou seja, quando a criança participa do processo de apropriação, como por exemplo, o pente, a criança explora o objeto, e após ver um adulto utilizando o mesmo ela passa a utilizar este de acordo com sua função social, pentear. Em um segundo momento passará a utilizar o pente como barco, avião, neste momento ela já se apropriou do objeto, porém utiliza-o além da função para o qual ele foi criado.

Na escola a criança deve participar de atividades que exijam mais de sua psique, pois cada local deve propiciar atividades diferentes as crianças.

O fato desenvolvimental importante é que estimular as mentes infantis, através de atividades não regularmente oferecidas em casa, reforça sua capacidade cognitiva de lidar com as tarefas cada vez mais difíceis com as quais elas vão se deparar nas décadas futuras (SAVA, 1975, p. 14 apud MOYLES, 2002, p. 4).

Deste modo, podemos entender a brincadeira na escola como um modo de desenvolver capacidades psíquicas mais avançadas e, a brincadeira em casa como um reforço das capacidades já desenvolvidas pelas crianças. Porém, todas são formas de brincar são de extrema importância para a criança.

CONCLUSÃO

Vygotsky (1998), buscando compreender a relação entre linguagem, desenvolvimento e aprendizagem nos processos culturais históricos e nas interações sociais, vê a aprendizagem como um processo social profundo no qual aprender é também um processo complexo, dialético, sendo que o desenvolvimento não é linear.

Aprendizagem e desenvolvimento estão interligados desde o nascimento de uma criança, o comportamento intelectual decorre da prática social e, assim, os indivíduos tornam-se humanos apropriando-se da natureza humana produzida pela história.

Desta forma, chamamos a atenção para o problema da aprendizagem escolar e damos-lhe um valor significativo. A aprendizagem escolar é responsável por gerar algo inteiramente novo no desenvolvimento de uma criança, especialmente no contexto de proporcionar aprendizagem indireta, mas de conteúdo operacional que é fundamental para o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- ELKONIN, Daniil Borissowitsch. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FERREIRA, Danielle. **A importância da música na educação infantil**. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2002.
- MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARTINS, Lígia Márcia. **O Ensino e o Desenvolvimento da Criança de Zero a Três Anos**. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs). *Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. Campinas – SP: Editora Alínea, 2009.
- MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na Educação Infantil**. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- MELLO, Suely Amaral. **As Práticas Educativas e as Conquistas de Desenvolvimento das Crianças Pequenas**. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria (Orgs). *Infância e Práticas Educativas*. Maringá – PR: Eduem, 2007.
- PASQUALINI, Juliana Campreghe. **A análise histórico-cultural do desenvolvimento infantil: teoria, pesquisa e implicações pedagógicas**. Texto da palestra proferida no Congresso Infância e Pedagogia Histórico-Crítica, 2012.

PASQUALINI, Juliana Campreghe. **Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2006.

PICCININ, Priscila V. **A intencionalidade do trabalho docente com as crianças de zero a três anos na perspectiva Histórico-Cultural.** 2012.

PRIOLLI, Julia. **Fraldas e livros: a importância da leitura para a primeira infância.**

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.